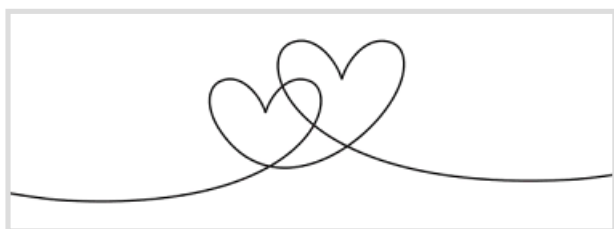


Cartas à mãe

Sandra S. Grasso



O presente texto ¹ pretende ser: uma confissão, um pedido de desculpas, elaboração de emoções, organização de ideias, cura, luta e auto resgate. Trata-se do término de meu luto, passados 3 anos da morte de minha mãe. Lanço um olhar para

dentro, passeio por memórias de uma dura experiência vivida e revelo para ela “o que vivi e tudo que aconteceu comigo”. Converso com uma mãe idealizada, que seria capaz de entender, acolher e reconhecer, porque, ao fazer isso, me entendo, me acolho e me reconheço.

Optei por escrever cartas, pois quando ela morreu, encontrei dezenas delas guardadas. Supus que ela apreciasse cartas. Tento expor, nas entrelinhas desta escrita emotiva, coisas que aprendi sobre envelhecimento neste curso e em outros estudos. Não me preocupei com formalidades e regras e estou satisfeita em fechar um ciclo de vida desta maneira.

Este texto é, também, um agradecimento à minha filha, por ter tido coragem de enfrentar comigo a louca aventura de cuidar da avó e por se permitir aprender mais um pouco sobre amar.

Demência

Mãe,

Por 5 anos cuidei de você. Você teve demência fronto-temporal, uma “prima” do Alzheimer, mas com outros sintomas. No seu caso eram: dificuldade com a fala, algum esquecimento, diminuição da censura e muita agressividade. Na época, eu não podia te dizer isso, porque você não suportava ouvir a palavra demência sem ficar muito brava comigo. Então eu dizia que você tinha uma alteração no cérebro que estava causando estes sintomas. Demorei a perceber sua doença. Você morava sozinha, depois de perder meu pai em 2011. Parecia muito bem. Viajou o mundo e

¹ N.E.: Texto entregue na finalização do curso **Fragilidades: o envelhecimento sob a perspectiva da Gerontologia Social** do Portal do envelhecimento.

saía pela cidade de São Paulo para ir ao cabeleireiro, fazer compras, frequentar um clube, almoçar fora etc. Você dizia que tinha se libertado depois que ele morreu. Se não fosse sua primeira queda, talvez eu demorasse ainda mais para notar que algo não estava tão bem assim.

A primeira queda

Era madrugada e o telefone tocou. Do outro lado da linha, um bombeiro dizendo que estava te levando ao hospital porque você havia caído. Corri para te encontrar e, no hospital, você não sabia dizer ao certo o que tinha acontecido. Você fraturou o fêmur, um clássico entre a população idosa! Na época você estava com 78 anos, acho. Passou por uma cirurgia e foi se recuperar em minha casa. Foi quando percebi que, além da queda, havia, também, um rombo.

O rombo

No período de 4 meses, passei a te ajudar, cuidando de pagar suas contas, levar ao médico, comprar remédios e tudo mais que você necessitava. Sua estadia em minha casa foi péssima. Você não aceitava minha ajuda, brigava comigo umas 3 vezes por dia, me falava coisas horríveis.

Em meio a esta “guerra”, descobri que você havia perdido completamente o controle sobre suas finanças. Você tinha vários empréstimos, 7 cartões de crédito, 7 boletos de compra de joias com 10 parcelas cada um. Você não percebia o que estava acontecendo e eu não entendia como isso havia sido possível. Tive muita raiva de você! Eu não aceitava que você estava mostrando que não poderia mais gerir a própria vida. De certa forma, eu intuía o que me esperava: eu, como filha única, teria que cuidar de você até a sua morte. Aliás, minha raiva vinha de ter sempre cuidado mais de você do que você de mim. Eu já percebia, também, que cuidar de você neste contexto não seria nada simples, devido a rompantes de agressividade quando você era contrariada.

Diagnóstico e prognóstico

Quando você estava no hospital, detectaram um tumor benigno em seu cérebro, o que me fez procurar um neurologista. Exames feitos e veio o diagnóstico: o tumor não era responsável pela dificuldade de fala que você já apresentava, nem pela queda, nem pela desorganização financeira.

Você estava com demência. O prognóstico: “Só vai piorar! Ela vai desaprender tudo que aprendeu!”, disse o médico. Foi o que aconteceu.

Na época, eu pouco sabia sobre processos de envelhecimento e nada sabia sobre demências. Eu não compreendia que quando você me agredia, era por ter a censura rebaixada e não era com intenção de me ferir. Mas, mesmo depois que busquei conhecimento a respeito, eu continuei sentindo dor a cada agressão, a cada acusação que você me fazia. Tudo ficou muito confuso, mãe, até porque você ainda tinha um tanto de lucidez. Eu nunca sabia com quem eu estava falando: com a que tinha demência ou com a minha mãe de antes. Muitas vezes, eu não conseguia discernir seus comportamentos e isso dificultava minhas tomadas de decisão.

Não sei o quê e nem como fazer

Não há um manual para quando temos bebês nem para quando precisamos cuidar de pessoas velhas. Eu não sabia o que fazer, portanto. Até então eu não pensava em velhices. Não me preparei para cuidar de você velha, tampouco para encarar a minha própria velhice. Fui fazendo conforme a vida foi acontecendo, sem planejamento. Apagava os tantos incêndios que iam surgindo, me queimava um pouco aqui, respirava um pouco de fumaça ali e seguia jogando baldes e baldes de água. Eu não fazia isso feliz, não. Não gostava nem um pouco de ser obrigada a assumir tudo de sua vida, de não ter nenhum reconhecimento e ainda ser criticada.

Mas, se eu não fizesse, ninguém o faria. Era eu e eu. Mesmo com o valioso apoio de minha esposa, filha e amigas, quem “segurava o rojão” era eu. Eu me sentia injustiçada, pois você não havia se preparado para envelhecer nem havia declarado, enquanto estava sã, o que eu deveria fazer com você em caso de doença, no caso a demência.

Mudanças contra a sua vontade

Peço desculpas por ter mudado muitas coisas em sua vida contra a sua vontade. Minha intenção era que você estivesse em segurança e que suas necessidades estivessem garantidas. Como você não percebia nem aceitava que estava mais dependente e com menos autonomia, precisei agir à revelia e, de certa forma, impor novas condições de vida. Isso sempre me doeu. Mais ainda porque você, frequentemente, me acusava de ter tirado sua liberdade. Eu passei a ser a mãe má. Passei a ser a representação de tudo o que estava dando errado em sua vida. O que você não podia ver era que a sua doença tirou nossa liberdade.

Empregada e cuidadoras

Você não queria mais ficar em minha casa e eu não queria viver em guerra com você. Você queria voltar para sua casa, mas não aceitava a ideia de ter alguém todos os dias lá para fazer os serviços da casa e te ajudar. Assim que você se recuperou da cirurgia, contratamos uma empregada, contra a sua vontade. Ela dormia no serviço e te ajudava no que fosse necessário. Você não queria gastar dinheiro com isso e não se conformava que estava mais dependente. Foi uma batalha convencê-la. Da empregada que dormia no serviço vieram as cuidadoras, tantas, conforme seu estado piorava.

Finanças

Passei a administrar todas as suas finanças, “rebolando” para fazer caber o novo custo de sua vida dentro de seu novo e apertado orçamento. Você nunca me perdoou por isso. E eu demorei a me perdoar por estar controlando sua vida de forma compulsória.

Xixi na calça

Meu filho mais velho, mãe, fez xixi na cama até os 11 anos, lembra? Deu um trabalhão lidar com isso, na época. Mas sabíamos que, um dia, ele pararia de molhar a cama, porque assim é o crescer. No seu caso foi o inverso. Você passou a fazer xixi na calça e se sentia muito mal por isso. Eu também ficava triste em vê-la chateada, mas lidei com leveza com esta situação. Conversávamos muito e você conseguia se abrir e expor sua chateação. Juntas, encontramos a solução da calcinha absorvente, porque, assim, ninguém na rua iria notar.

Médicos e remédios

Levei você a uma psiquiatra geriatria. Eu adorei e você odiou. Não porque tinha algo contra a médica, mas porque estava odiando ir a médicos. Eles davam diagnósticos e remédios e você achava que não precisava de nada disso, somente dos remédios do coração que seu antigo e caríssimo cardiologista havia receitado há tempos. Qualquer mudança gerava insegurança e desconfiança. Tomar os novos remédios passou a ser mais um motivo de estresse, principalmente os remédios psiquiátricos.

Outras quedas

Você caiu de novo em casa e quebrou o outro fêmur. Um dia você caiu de cara no chão, outro dia você caiu no banheiro e machucou a mão. Sua mobilidade estava cada vez mais comprometida. Você queria tomar as próprias decisões e executar as tarefas sem

ajuda. Você queria de volta a sua autonomia e a sua independência. Na época, eu não via exatamente desta forma. Eu estava na linha de frente de várias batalhas em que eu tinha que dizer não para suas tentativas de gerenciar a própria vida. Brigamos muito, não é? Eu me sentia péssima por ser a pessoa que impunha limites. É muito diferente dizer não para educar um filho e dizer não para uma mãe que está perdendo a capacidade de se cuidar sozinha.

Perigos

Você queria ir para a rua sozinha, mas seu equilíbrio e sua mobilidade estavam péssimos. Eu não conseguiria lidar com a culpa de te deixar sair desacompanhada, caso alguma coisa ruim te acontecesse. Você, além de estar com o corpo físico frágil, estava também com a mente confusa. Você não reconhecia mais as notas de dinheiro, poderia cair, poderiam te roubar, poderia se perder.

O mundo é perigoso para velhos com demência, mãe! Naquele momento não falei esta frase, pois continha 2 palavras proibidas: velhos e demência. Tentei argumentar de diferentes formas delicadas e você só se irritava mais a cada explicação que eu dava, afinal você não se via nem velha, muito menos com demência. Sugeri que alguém a acompanhasse: a cuidadora, a empregada, uma prima. Mas imagino que minhas palavras deversem parecer descabidas, e eu a louca que resolvi te encarcerar em sua própria casa.

Inversão 1: de mãe para mãe

Eu não queria ser sua mãe, mas não é sobre querer. É o que é. E a inversão se fez, para além de minha vontade. E você, em determinado momento, passou literalmente a me chamar de mãe. Eu assumi o cargo, mas, nunca aceitei.

Inversão 2: mundos

Depois de tantas batalhas perdidas, comecei a perceber que não funcionava bater de frente com você. Eu, do alto de meu mundo “normal”, tentava trazê-la para minha lógica de pensamento. Eu queria que você percebesse a “realidade” e compreendesse que estava doente e que necessitava de ajuda constante para tudo. Queria que você acreditasse nas coisas que eu falava e que aceitasse minhas soluções. Queria que você saísse de um mundo maluco e voltasse para o nosso mundo ordenado e lógico.

Nem sei como se deu, mas um dia passei a “viajar” com você na confusão de sua cabeça e tudo mudou. Abriu-se espaço para pequenos prazeres em nossos encontros quando você falava,

cada vez com mais dificuldade, de suas lembranças inventadas, ou quando eu lia um trecho de um livro e você, sem entender nada, sorria só porque eu estava lá lendo.

A filha-filha

Sem minha filha ao meu lado em todo este percurso, nada teria sido possível. Ela foi fundamental, porque me ajudava em absolutamente tudo, mas, principalmente, porque me devolvia a dimensão de mãe e filha, de cuidar da minha verdadeira filha. Ela trazia a alegria de saber que eu testemunharia por muito tempo ainda seu crescimento, suas aprendizagens, em oposição à decadência e caminho para a morte que você, agora minha mãe-filha, representava. Olhar para a sua finitude, mãe, me colocava diante da minha própria morte. Olhar para a minha filha, me colocava presente no presente, convocava minha potência e me certificava de que eu estava fazendo o melhor que eu podia. Ela era um respiro para nós duas. Ela se tornou minha aliada e sua cúmplice ao mesmo tempo.

Fios de potência

Eu e minha filha nos agarramos a fios de potência. Ficamos atentas às coisas que você gostava e ao que era capaz de fazer, para nos relacionarmos com você através destes fios. Então víamos fotografias antigas e você nos contava coisas do passado, pintávamos mandalas (acho que você não gostava muito disso, na verdade), falávamos mal do governo (isso você gostava de fazer!), líamos em voz alta para você. Mas, enquanto eu me esforçava para identificar sua potência, esquecia de reconhecer e de considerar a minha própria.

Solidões

Conforme você foi piorando, cada vez menos tínhamos momentos prazerosos juntas. Você passou a quase não falar mais e foi se fechando dentro de si mesma em algum lugar que eu não alcançava.

Eu tinha que fazer muitas coisas práticas para garantir o seu cuidado, além de tentar dar conta de minha própria vida, que a essa altura estava bem prejudicada. Eu não tinha muito tempo para entender e lidar com tudo que eu sentia. Fui caindo num campo escuro de solidão em que parecia que ninguém mais no mundo passava pelo que eu estava passando. Era como se aquela experiência louca tivesse sido destinada somente a mim. Era como se eu tivesse que descobrir e executar sozinha todo o pacote de “cuidar da mãe demente”. Como se só você tivesse demência e só eu tivesse que dar conta. Eu estava só. Você também estava só em seu mundo. Eu nunca tinha ouvido falar em rede de apoio para familiares cuidadores. Eu nem me

denominava assim. Me dei conta que uma grande mudança havia acontecido e que eu não podia mais seguir sozinha. Precisava falar com outras pessoas sobre minhas dificuldades, precisava de escuta de quem não estivesse envolvido nos cuidados com você.

Recursos

Voltei a estudar. O estudo sempre me curou. Decidi, então, estudar para compreender melhor o envelhecer e o cuidar. Passei a vasculhar a internet, a ler, a fazer cursos sobre o tema. Adentrei num vasto universo em que encontrei muitas respostas e outras tantas perguntas. Descobri que eu não estava só nessa empreitada de cuidar de uma pessoa idosa dependente.

O que aprendi cuidando e estudando sobre cuidar

A primeira coisa que aconteceu quando comecei a estudar, foi assumir o título de familiar cuidadora e constatar que cuidar de uma pessoa idosa era trabalho, no caso não remunerado e não reconhecido.

Aprendi que, no Brasil, o cuidado das pessoas idosas é atribuído às famílias. Esta informação está no Estatuto do Idoso. Você sabia que existe um estatuto do idoso, mãe?

Nos meus estudos soube que, geralmente, é uma mulher que assume esta função. Eu não tenho irmãos, mas se tivesse irmãos homens, provavelmente eu mesma que assumiria cuidar de você. Isso amenizou um pouco a raiva que eu tinha por você não ter tido mais filhos e ter “sobrado para mim” esta tarefa que eu não queria. Também aprendi que ser familiar cuidadora é muito desgastante e que as mulheres que cuidam de seus parentes idosos podem adoecer e até morrer antes deles. Ou ainda, não conseguem conciliar sua vida pessoal e profissional e abrem mão de si mesmas. Fiquei bem preocupada com minha saúde física e psíquica nesse momento.

Teve uma coisa que uma professora falou, mãe, que me confortou um pouquinho e me fez sentir menos só: “Envelhecer é uma escolha social, e não individual.” (Beltrina Côrte). Então, os problemas que tivemos diziam respeito a algo maior que nós? Eu tinha até esquecido que vivíamos em sociedade e que os problemas do envelhecimento são de ordem pública. A velhice é uma construção sociocultural e existem velhices, pois cada um vive a sua velhice de uma forma distinta. A velhice é construída ao longo da vida, não é uma coisa que de repente cai na nossa cabeça em determinada idade. Comecei a pensar, nesta hora, em que velhice eu queria ter e o que eu tinha que fazer ou deixar de fazer para conseguir uma velhice melhor que a sua.

Ser velho não é necessariamente ruim, mãe. Associar a velhice a aspectos negativos constrói preconceito, e chama etarismo. Você foi muito etarista! Não queria envelhecer de jeito nenhum. Mas olha, a culpa disso não é sua. Isso é herança cultural e precisamos desconstruir esta cultura etarista e construir outra melhor no lugar, não acha?

Eu estava me abandonando, me isolando, morrendo um pouco junto com você. Dei-me conta de que eu era velha também. Eu pensava: o que vai acontecer quando você morrer e eu estiver isolada e desconectada da vida social? O que vai acontecer quando eu quiser voltar a ter um trabalho remunerado? Como ter espaço anímico para criar projetos, se só consigo respirar cuidado de você?

Desejo proibido

Um dia eu estava voltando de sua casa, chorando muito enquanto dirigia, após lidar com alguma situação difícil, não me lembro qual delas. Provavelmente, você havia brigado comigo ou se recusado a tomar remédio, ou xingado a cuidadora, ou gritado pela janela que queríamos te matar.

Eu estava exausta física e emocionalmente. Desejei que você morresse logo, para que aquela loucura acabasse. Que tipo de pessoa deseja a morte da própria mãe? Quando assistimos a filmes e séries nos quais o personagem está com demência, em geral, quem cuida aparece ou como uma pessoa maravilhosa, incansável, positiva e paciente, ou como uma carrasca sem coração que maltrata a coitada da pessoa idosa doente. Eu não era nem uma, nem a outra, ao mesmo tempo que era um pouco das duas. Na verdade, eu não queria que você morresse, queria somente que a nossa dor acabasse.

De quem é a culpa?

Ninguém sai impune por desejar a morte da mãe, pois é inevitável cair num mar de culpa. Nessas alturas eu já me culpava por várias coisas: por, às vezes, perder a paciência, por não gostar de cuidar de você, por não gostar de ficar muito tempo na sua casa, por dizer não, por estar tirando sua liberdade, por achar que você estava atrapalhando a minha vida, por ainda ter ressentimentos antigos.

O que fazer com tudo isso?

Em meio a sentimentos politicamente incorretos, comecei a pensar em tudo que eu estava fazendo para cuidar de você e em como eu tinha aprendido a resolver cada demanda que surgia. Minha autoestima estava tão baixa que eu precisava me ver um

pouco como heroína nessa história. E tentando me valorizar, percebi que tinha adquirido algum know how. Eu tinha criado um “o quê fazer e um como fazer”. Daí surgiu uma ideia: já que eu não consigo trabalhar em outras coisas, por conta das suas demandas, e não consigo parar de pensar e sentir o que está nos acontecendo, por que não crio um projeto para ajudar outras pessoas a cuidar? Por que não sistematizo o que aprendi e crio um método de cuidado? Por que não faço pelos outros o que eu gostaria que tivessem feito por mim?

Para isso, senti necessidade de conversar com outros familiares cuidadores, pois eu tinha receio de criar algo autor referenciado, ou seja, só a partir de minha experiência.

Fui pesquisar o que já existia neste sentido e encontrei poucas coisas na época. Falo do final de 2019 e começo de 2020.

E aconteceu a pandemia!

Isoladas e misturadas

Isoladas. Eu na minha casa e você na sua com as cuidadoras. Você isolada em seu mundo particular com pequenas pontes para outros mundos. Você isolada se misturando com a fantasia que passava na televisão, misturada com memórias antigas que se presentificavam.

Fui menos vezes te visitar, e esse tempo mais longe de você me ajudou a refletir e respirar. O mundo estava um caos e meu caos interior se mesclava com o caos do mundo. Eu vivia camadas e camadas de isolamento. Isolada em casa para fugir do corona vírus, isolada dentro de mim para dar conta de tudo que eu tinha que ser e fazer para cuidar de você. Isolada para cuidar. Isolada para manter as emoções congeladas, para não correr o risco de uma ex/implosão.

O começo do fim

Você piorou muito com o isolamento trazido pela pandemia. Ficou bem mais confusa, mais esquecida, mais agressiva, com menos mobilidade, com a fala mais comprometida. Sua dificuldade de compreensão também piorou, assim como a capacidade de executar tarefas simples. Você passou a não controlar os esfíncteres completamente e aumentou sua dificuldade de dormir a noite toda. Seus medos triplicaram, seu sofrimento também.

Você passou a ter um home care pelo seu convênio, pois ganhamos um processo de pedido na justiça. As atendentes e cuidadoras que vinham não tinham o preparo necessário para lidar com uma pessoa com demência. Eu as entendia, porque eu

sabia das dificuldades no trato com você. Qualquer coisa, de uma hora para a outra, poderia ser gatilho para surtos assustadores e tristes.

Em paralelo

*Enquanto este declínio acontecia e as minhas dificuldades com você aumentavam, numa tentativa de não enlouquecer, mergulhei na criação do projeto, que passou a chamar **Mapa do Cuidar**. Era isso, eu desejava ter um mapa, um norte, uma orientação. Tudo era novo e assustador para mim e deveria ser também para outros e outras que se veem, de repente, com a missão de cuidar de uma pessoa idosa, nem sempre saudável. Estudei, entrevistei, fiz cursos, conversei. Também escrevi um relato de experiência, contando um pouco do que aprendi neste processo, para fundamentar a necessidade de mais iniciativas públicas e privadas de apoio e orientação aos familiares cuidadores.*

Hospital

De madrugada, a cuidadora me ligou, porque você não estava passando bem. Dormir passou a ser algo tenso para mim, desde que você caiu pela primeira vez. Era como se o telefone fosse tocar a qualquer momento com novas más notícias.

Hospital. Você estava com sepse em decorrência de uma infecção de urina. Eu me perguntava como isso havia acontecido, se as cuidadoras não trocavam direito suas fraldas e como não haviam percebido a infecção.

Como tinha chegado neste ponto? E, de novo, a culpa vinha ao meu encontro. No hospital, suspeitaram de Covid, pois estávamos em 2020 e os médicos só viam corona vírus pela frente. Demorou para que você saísse da UTI de Covid. Inicialmente, você ficou sozinha. Tiraram seus remédios psiquiátricos e você ficou lá gritando, apavorada. Precisei brigar muito para me deixarem te acompanhar a partir do dia seguinte. Você só tinha a mim como referência, não sabia onde estava e o que estava acontecendo. Você precisava de mim ao seu lado e eu queria estar lá com você para amenizar seu sofrimento.

Você, como parte da elite branca, estava em um hospital muito bem-conceituado, mas com pouco preparo para acolher pessoas idosas com demência. Esse despreparo é um dos problemas que o envelhecimento tem em nosso país. Diante da aceleração do envelhecimento da população brasileira, sem o país ter enriquecido antes (como nos países europeus), faz-se necessário, mais do que nunca, compreendermos melhor o envelhecer e suas questões, assim como buscarmos soluções, nas esferas pública e privada.

Você passou 4 meses internada e não voltou mais para casa: sepse, antibióticos, melhora, infecção hospitalar, superbactéria, morte. Superbactéria é uma bactéria que não morre com nenhum antibiótico. Eu não te contei isso na época, porque você entraria em pânico e sofreria muito mais.

Diante da superbactéria e da impossibilidade de cura, optamos pelos cuidados paliativos para que você fosse poupada de estresses desnecessários, como exames, procedimentos e excesso de remédios. Nesta fase, precisei ser uma sentinela para impedir que a equipe do hospital desrespeitasse nossa decisão. Não era incomum uma enfermeira entrar no quarto querendo colher sangue para exames ou uma fisioterapeuta querendo te obrigar a fazer exercícios enquanto você desejava descansar.

Morrer

Eu sabia que você morreria em breve. Eu não desejava mais a sua morte. Eu desejava que você ficasse em paz. Queria estar perto e te acompanhar nesse fim de vida. Percebi que grande parte de você já havia morrido. A demência foi te devorando dia a dia e eu queria minha mãe de volta. Eu ficava te olhando na cama do hospital e me mantinha muito atenta a qualquer expressão sua, pois queria captar qualquer nuance de você que pudesse escapar. Eu queria ver rastros de minha mãe. Consegui apreender alguns sorrisos, e algum eu te amo.

Parte de mim morreu com você nesse caminho. Eu nunca mais recuperei 100% da alegria que eu tinha.

Fim de 2020. Consegui dizer que amava antes de você ser sedada. Eu tinha dito que faria nhoque para você, mas não deu tempo. Você partiu.

Me vesti de você

Desmontei seu apartamento, vasculhei suas coisas, chafurdei na sua vida, joguei muita coisa fora, doeii muita coisa também. Eu não queria quase nada que tinha sido seu. Mas precisei ficar com algumas de suas roupas. Elas tinham seu cheiro. Eu lavava e seu cheiro permanecia.

Eu me vesti de você algumas vezes. Era como se eu te trouxesse de volta. Era a mesma brincadeira que eu fazia quando criança: eu vestia suas roupas e desfilava sendo você. Até que esse jogo ficou incômodo. Anos depois, fiquei com saudade de mim. As roupas perderam o seu cheiro e perdeu o sentido ter você como segunda pele.

Vazio

Caí num buraco branco. Na queda, alívio e um imenso vazio por não precisar mais cuidar. Minha identidade, por alguns anos intensos, era ser familiar cuidadora. Esse título me trazia dores, mas também méritos. Sem ter mais que cuidar de você, perguntas se impuseram: Quem eu era naquele momento, afinal? Quem eu queria ser depois da revolução de ser a mãe de minha mãe até a sua morte?

Tentei voltar a estudar, tentei retomar o projeto Mapa do Cuidar, mas não conseguia me mover. Eu lá, num branco, no limbo.

Luto

Mudei para o interior. Larguei uma vida e comecei outra. Me ocupei muito para fugir do vazio. Me ocupei até a exaustão. Arrumei a nova casa obsessivamente. Era eu de luto, era eu lutando para não afundar num lodo de nada.

Na verdade, vivenciei o luto desde o diagnóstico de demência. Fiquei chocada ao tomar conhecimento da desorganização em que sua vida se encontrava. Neguei sua doença, neguei sua morte também. A raiva andou de braços dados comigo e a depressão me arrasou. Comecei a me integrar quando parei de usar suas roupas e decidi me apropriar de mim novamente.

Assumi que minha vida não estava boa e que cabia a mim mudar. Nessa hora eu já conseguia estudar novamente e foi quando quis olhar mais profundamente para o meu processo de envelhecimento. Isso me fez buscar um curso sobre gerontologia social, que me devolveu, acima de tudo, a capacidade de criação. Retomei minha potência adormecida. Voltei a ler e a escrever. Voltei a gostar de escrever. Por isso estas cartas para você.

Com licença e obrigada

Mãe, peço licença para tornar este relato público. Senti necessidade de compartilhar minha experiência com outras pessoas. Faz parte de me integrar e me transformar. Sei que você vai compreender e me autorizar. Agradeço por você ter sido minha mãe e por eu ter sido a sua. Aprendi mais sobre amar, sobre compaixão, sobre resiliência, sobre empatia, sobre paciência. Me certifiquei de minha força e de minha coragem. Te levo comigo de muitas formas: nos objetos e nas fotos, mas também ao me pegar fazendo coisas que você fazia. Eu sou um tanto você. Tento ser o melhor de você. Tento te superar, porque dizem que temos que ser melhores que nossos pais, mas tem coisas que eram só suas e que, mesmo que eu me esforce, nem chego aos seus pés. Obrigada por tanto.

*Com amor,
Sandra*

Assim encerro este texto e saio outra depois do curso e desta narrativa. Não sei se seguirei profissionalmente no universo do envelhecimento, mas já estou bem contente de recuperar minha potência, aqui expressa na escrita.

Data de recebimento: 30/11/2023; Data de aceite: 23/12/2023

Sandra Savóia Grasso - 61 anos, casada, mãe e avó. Formada em Artes Cênicas pela ECA/USP, atualmente estuda o envelhecimento para auxiliar familiares cuidadores de pessoas idosas. E-mail: sandra.grasso@gmail.com